
SETOR SIDERÚRGICO NO BRASIL E NO MUNDO

ÁREA DE OPERAÇÕES INDUSTRIAIS 2 - AO2

DIRETOR
Eduardo Rath Fingerl

SUPERINTENDENTE
Jorge Kalache Filho

Elaboração:

GERÊNCIA SETORIAL DE MINERAÇÃO E METALURGIA

Maria Lúcia Amarante de Andrade - Gerente

Luiz Maurício da Silva Cunha	- Economista
José Ricardo Martins Vieira	- Engenheiro
Maria da Conceição Keller	- Economista
Renata Strubell Fulda	- Estagiária

Junho de 1997

É permitida a reprodução parcial ou total deste artigo desde que citada a fonte.
Esta publicação encontra-se disponível na Internet no seguinte endereço: <http://www.bndes.gov.br>

ÍNDICE

1. SETOR SIDERÚRGICO NO MUNDO	1
1.1- Produção Latino-Americana de Aço.....	2
1.2- Preços Internacionais.....	3
2. SETOR SIDERÚRGICO BRASILEIRO	4
2.1- Produção Siderúrgica.....	7
2.2. Produção de Laminados de Aço.....	9
2.3- Produção de Semi-Acabados	11
2.4- Consumo Aparente de Produtos de Aço.....	11
2.5- Preços Médios.....	12
2.6- Exportações e Importações	14
3- PRIVATIZAÇÃO DA SIDERURGIA BRASILEIRA	16
4- INDICADORES DAS EMPRESAS SIDERÚRGICAS BRASILEIRAS	19
5- PROGRAMA DE INVESTIMENTOS	21
6- PERSPECTIVAS DA SIDERURGIA	22

1. Setor Siderúrgico no Mundo

O setor siderúrgico mundial possui capacidade instalada em torno de 975 milhões de t/ano de aço bruto. Em 1996, a produção mundial de aço atingiu 751,4 milhões de t, com queda de 0,6 % sobre a de 1995, tendo o setor operado com ociosidade de 23% em relação à capacidade instalada mundial. O consumo aparente de produtos acabados de aço atingiu cerca de 655,0 milhões de t.

As unidades industriais mais representativas da produção estão concentradas na Ásia (35%), Europa Ocidental e Oriental (20%) e América do Norte (14%). A América Latina contribui com 6,6% da produção mundial, muito influenciada pela relevante participação brasileira.

O maior produtor mundial de aço em 1996 foi a China, com 100,4 milhões de t, e crescimento de 5,2% sobre o nível de 1995, superando a produção do Japão, líder mundial nos últimos anos.

O Japão produziu 98,8 milhões de t em 1996, produção inferior em 2,8% à de 1995, sendo grande parcela exportada para a China.

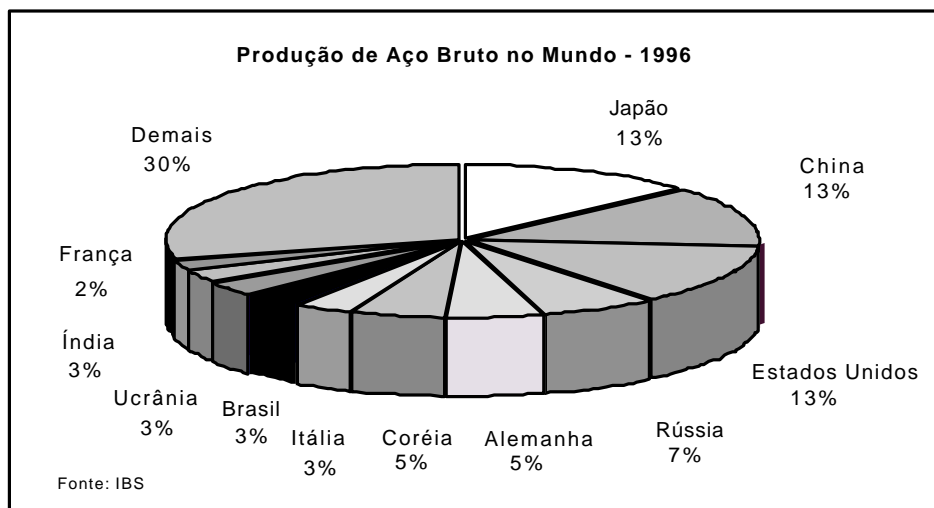
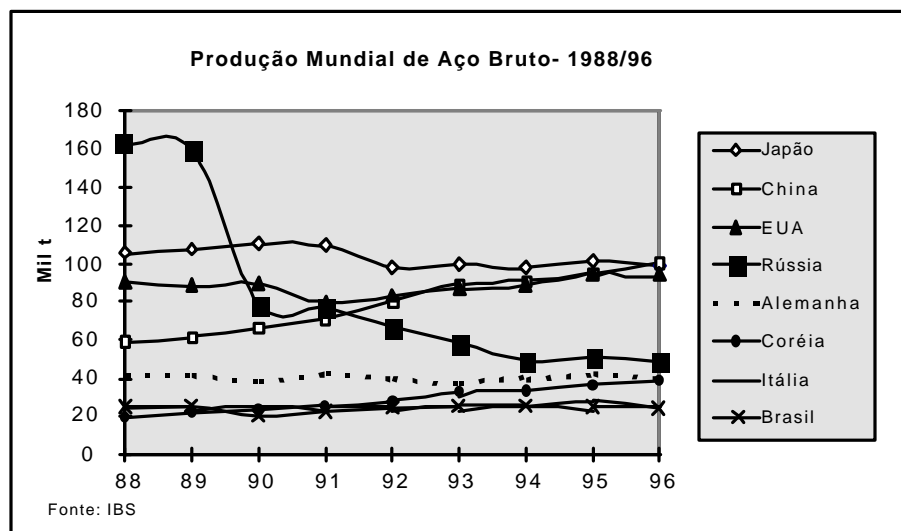
O terceiro maior produtor mundial, os Estados Unidos, obteve em 1996, uma produção de 94,7 milhões de t, ou seja 0,5% inferior à de 1995. A Rússia vem a seguir, com 49,2 milhões de t, apresentando queda de 4,2%.

Os grandes destaques no mundo, em termos de crescimento da produção de aço nos últimos oito anos (1988/96), ficaram por conta dos países asiáticos. A produção da China evoluiu 70,7%, passando de 59,4 milhões de t para 100,4 milhões de t, e a da Coreia do Sul elevou-se em 104 %, de 19,1 milhões de t para 38,9 milhões de t.

Produção Mundial de Aço Bruto

País	Milhões de t								
	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
China	59,4	61,6	66,3	71,0	80,0	89,5	91,5	95,4	100,4
Japão	105,7	107,9	110,3	109,6	98,1	99,6	98,3	101,6	98,8
Estados Unidos	90,7	88,8	89,7	79,7	83,1	87,0	88,8	95,2	94,7
Rússia*	163,0	160,1	79,0	77,1	67,0	58,2	48,8	51,3	49,2
Alemanha	41,0	41,1	38,4	42,2	39,7	37,6	40,8	42,1	39,8
Coreia	19,1	21,9	23,1	26,0	27,8	33,0	33,7	36,8	38,9
Brasil	24,7	25,1	20,6	22,6	23,9	25,2	25,7	25,1	25,2
Itália	23,8	25,2	25,5	25,1	24,8	25,8	26,1	27,7	24,5
Demais	472,0	474,3	548,0	489,7	478,8	473,0	480,0	500,2	498,1
Total	780,1	785,8	770,2	737,1	722,7	725,3	723,7	755,9	751,4

Fonte: IBS / * Refere-se à produção da URSS até 1989



A produção mundial de aço bruto, no período janeiro/abril de 1997, apresentou crescimento de 4,8% sobre o mesmo período de 1996, atingindo 252,1 milhões de t. Os destaques foram para o crescimento de 10,4% na produção da Alemanha, de 8,2% na do Japão e de 6,2% na da China. EUA e Rússia apresentaram redução na produção de aço de 0,1% e 5,5%, respectivamente.

1.1- Produção Latino-Americana de Aço

A produção latino-americana de aço, em 1996, atingiu 49,8 milhões de t, com crescimento de 4,4% sobre a de 1995.

O Brasil é o sétimo maior produtor mundial, tendo atingido 25,2 milhões de t em 1996. Em relação à América Latina, o Brasil é o maior produtor com 51%.

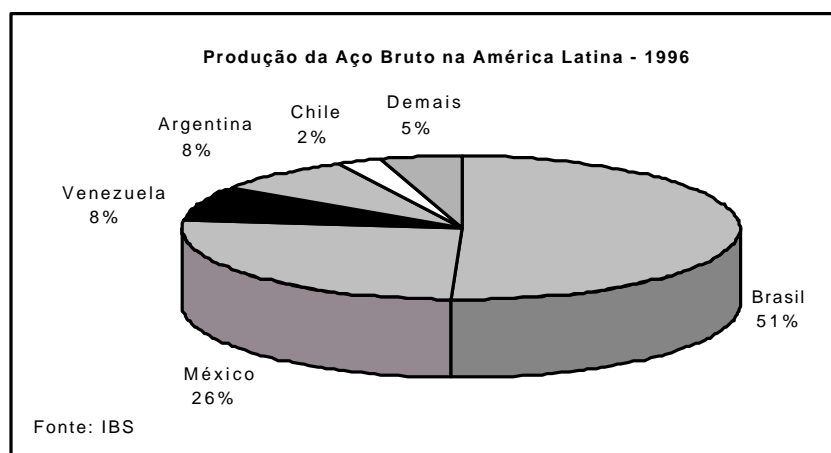
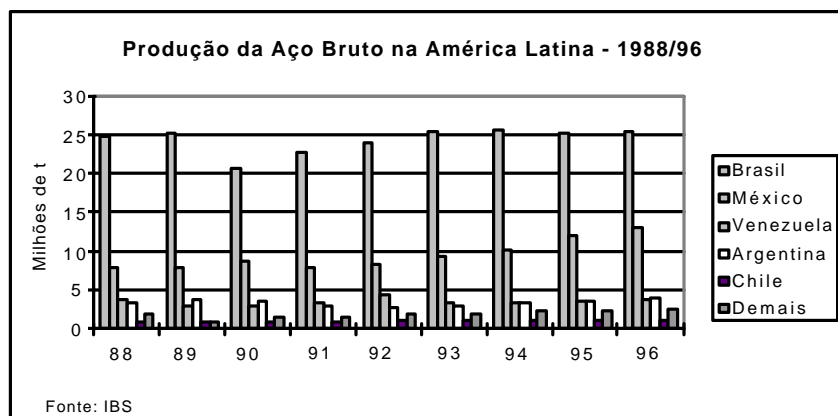
Cabe destacar, em 1996, os desempenhos da Argentina e do México, com taxas de crescimento de 14% e 9%, respectivamente, superiores à da produção de aço brasileira.

Produção de Aço Bruto na América Latina - 1988/96

Milhões de t

País	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Brasil	24,7	25,1	20,6	22,6	23,9	25,2	25,7	25,1	25,2
México	8,0	7,9	8,7	7,9	8,5	9,2	10,2	12,1	13,2
Venezuela	3,7	3,1	3,0	3,3	4,3	3,4	3,4	3,6	3,7
Argentina	3,4	3,9	3,5	3,0	2,7	2,8	3,3	3,6	4,1
Chile	0,9	0,8	0,8	0,8	1,0	1,1	1,0	1,0	1,2
Demais	2,1	1,9	1,8	1,9	1,9	1,8	2,2	2,3	2,4
Total	42,8	42,7	38,5	39,5	42,3	43,5	45,8	47,7	49,8

Fonte: IBS



A produção latino-americana de aço bruto, no período janeiro/março de 1997, apresentou crescimento de 1,8% sobre o mesmo período de 1996, atingindo 12,6 milhões de t. Os destaques referem-se aos crescimentos de 9,4% , 11,6% e 30,8% para as produções da Venezuela, Chile e Peru respectivamente.

A produção brasileira apresentou crescimento de 3,8% e a da Argentina, redução de 3,8%.

1.2- Preços Internacionais

Os preços dos produtos de aço (bobina a quente e vergalhão), praticados em 1996, se equiparam aos verificados em 1982. Chapa grossa, bobina a frio, chapa galvanizada e chapa especial, apresentaram variações positivas nesse mesmo período.

Considerando a década de 90, os preços dos produtos apresentaram declínio em função da retração da demanda mundial até 1992, quando iniciaram um período de recuperação de dois anos. Novamente, a situação se reverteu em 1994, tendo os preços em 1995 se situado cerca de 10% inferiores ao ano anterior. Em 1996, observou-se recuperação nos preços, prevendo-se que permaneçam neste patamar em 1997, embora tenha se observado a manutenção dos preços neste primeiro trimestre, ocorrendo, em abril, um pequeno aumento em alguns preços de produtos de aço.

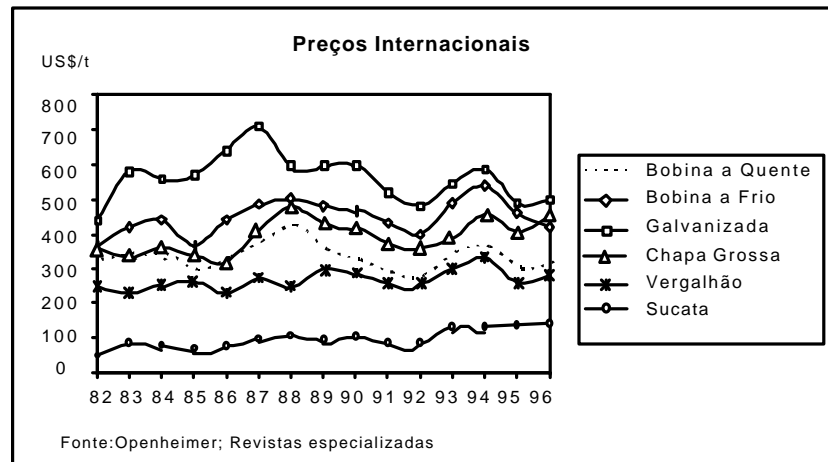
Preços Internacionais de Produtos de Aço

	US\$/t								
Produtos	1982	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997*
Bobina a Quente	330	330	297	290	357	370	310	325	330
Bobina a Frio	365	470	430	400	487	540	460	420	420
Chapa Galvanizada	440	600	520	480	545	585	490	500	na**
Chapa Grossa	360	420	373	360	386	456	405	450	455
Vergalhão	250	285	257	257	300	332	260	280	295
Sucata	51	105	86	87	135	135	137	139	na**
Chapa Especial	1.496	2.280	2.145	2.202	2.100	2.158	2.280	2.150	na**

Fonte: Openheimer; Revistas especializadas

* Abril de 1997

** na- não apurado



2. Setor Siderúrgico Brasileiro

A participação do setor siderúrgico brasileiro no cenário mundial, em 1996, e a sua importância no contexto nacional é a seguinte:

- 7º Produtor Mundial de Aço - 25,2 milhões de t
- 1º Produtor de Aço da América Latina - 51% do total
- 2º Exportador Mundial de Aço - 10 milhões de t
- Faturamento - US\$ 11,5 bilhões
 - Mercado Interno - US\$ 8,4 bilhões
 - Mercado Externo - US\$ 3,1 bilhões
- Contribuições : Produto Industrial - 6%
 - PIB - 2%

- Impostos - US\$ 1,7 bilhão
- Empregos Diretos - 78 mil

Apresenta-se a seguir o comportamento geral dos indicadores da siderurgia brasileira. O Brasil exporta uma parcela significativa de sua produção, sendo que, em 1996, as exportações corresponderam a cerca de 45% em termos de aço bruto. Entretanto, o faturamento referente ao mercado externo é proporcionalmente inferior, visto que o país exporta principalmente produtos de baixo valor agregado como semi-acabados, bobinas a quente e vergalhões.

O saldo comercial do setor siderúrgico, incluindo gusa é de US\$ 3,3 bilhões, sendo o segundo entre os setores industriais, após o setor minero-metalúrgico.

Verifica-se, também, uma acentuada queda no nível de emprego, porém a relação entre este nível e a folha de pagamentos demonstra que, a partir de 1991, houve crescente aumento dos salários médios da indústria.

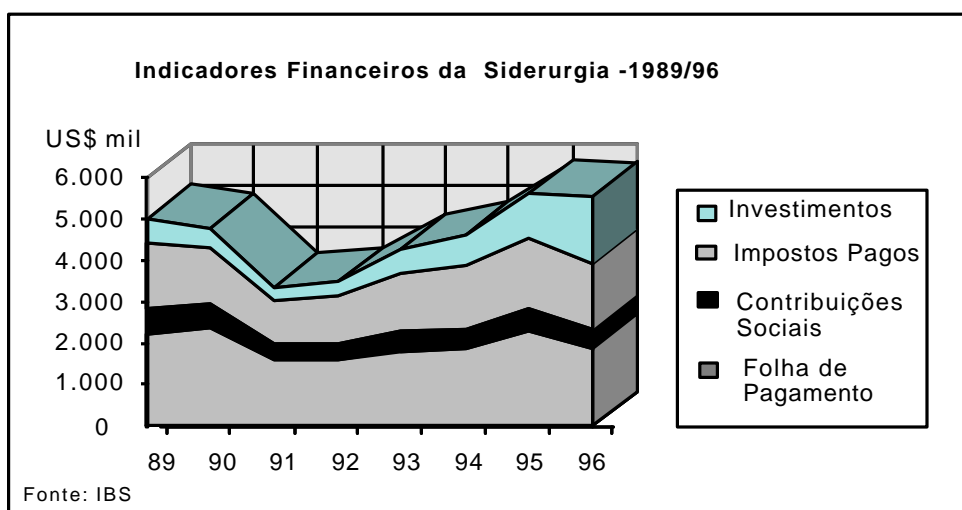
Os impostos pagos e os investimentos também vêm crescendo a partir de 1991, coincidindo com a privatização do setor siderúrgico nacional.

O consumo energético tem se mantido praticamente constante e a produtividade vem melhorando, ano a ano, no período considerado na tabela.

Indicadores da Siderurgia Brasileira

	US\$ milhões							
Discriminação	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Produção (Mil t)	25.055	20.567	22.617	23.934	25.207	25.747	25.076	25.237
Faturamento	12.672	10.627	9.117	9.772	10.856	11.629	12.267	11.707
Mercado Interno	9.106	7.364	5.695	6.077	7.046	7.934	8.427	8.395
Mercado Externo	3.112	2.968	3.254	3.480	3.574	3.346	3.515	3.169
Outras Receitas	454	295	168	215	236	348	325	143
Nº de Empregados	167.414	131.663	121.500	109.707	101.528	97.414	89.246	77.547
Folha de Pagamento	2.266	2.368	1.604	1.609	1.842	1.868	2.291	2.120
Contribuições Sociais	596	582	382	402	467	473	565	541
Impostos Pagos	1.546	1.353	1.037	1.127	1.375	1.566	1.677	1.710
Investimentos	601	494	339	350	581	676	1.071	1.546
Produtividade (t/emp./ano)	144	155	186	218	248	264	282	300
Consumo M. de Ferro (mil t)	29.151	24.888	24.179	26.665	27.158	27.612	27.642	27.662
Consumo E. Elétrica (Gwh)	14.326	12.224	12.479	13.066	13.256	13.366	13.018	13.300
Nível de Utilização (%)	89,48	73,45	80,78	85,48	88,75	89,25	89,25	88,55

Fonte: IBS



O faturamento da indústria siderúrgica, no período de janeiro/março de 1997, atingiu US\$ 2,8 bilhões, com redução de 0,8% sobre o mesmo período de 1996. As vendas internas atingiram US\$ 2,0 bilhões, com crescimento de 7,2%, no mesmo período analisado. O efetivo empregado nas atividades siderúrgicas atingiu 77.009 empregados em março de 1997, com queda de 9,6% em relação a março de 1996.

O consumo brasileiro per capita de aço, atingiu valores superiores a 105 Kg/hab nos anos de 1986 e 1987, apresentando grande redução nos anos seguintes, chegando ao mínimo de cerca de 65 Kg/hab, em 1992, sendo um dos mais baixos entre os países produtores de aço, inclusive inferior aos consumos de México e Argentina. Em 1996, o consumo per capita brasileiro situou-se em 92 Kg/hab.

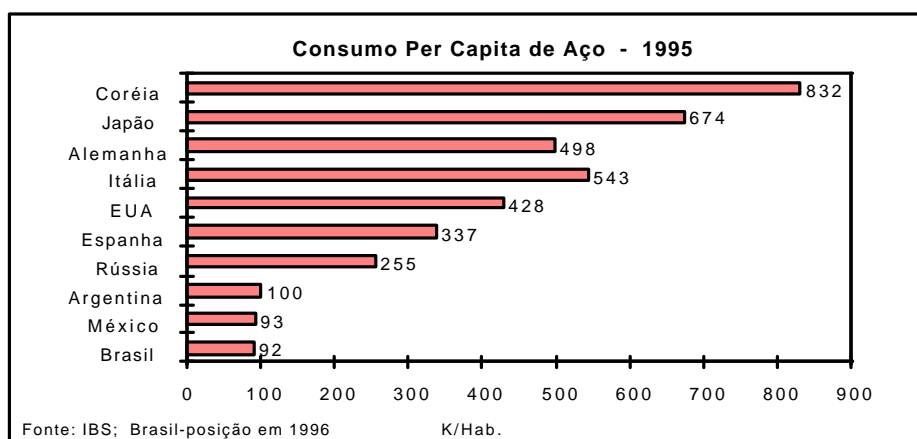
Consumo Brasileiro Per Capita de Aço

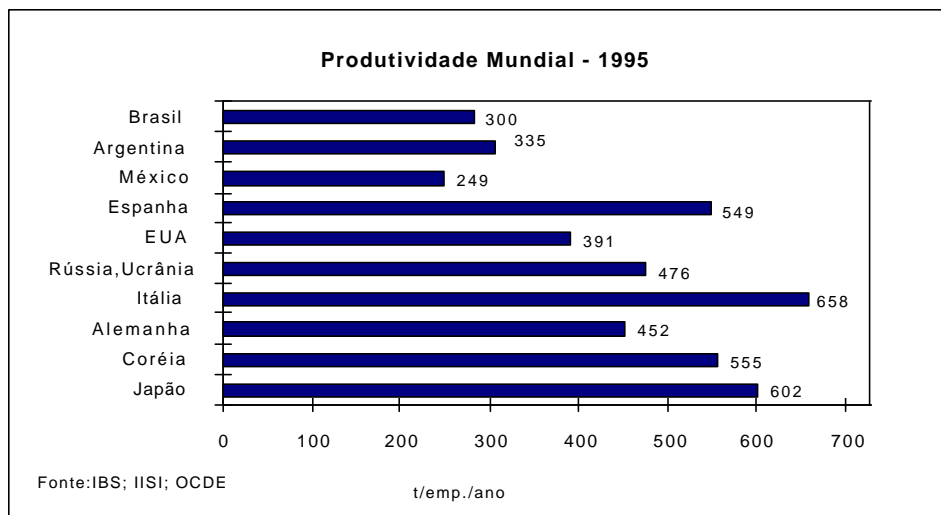
	Kg/hab							
Ano	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Consumo per capita	95	67	64	65	78	87	86	92

Fonte: IBS

Em 1996, a produtividade média da siderurgia brasileira foi de 300 t/emp./ano, com acentuada melhoria em relação ao período anterior à privatização do setor siderúrgico. Note-se que a produtividade da siderurgia brasileira tem evoluído para níveis compatíveis com os grandes produtores mundiais de aço. A produtividade média dos cinco maiores países produtores de aço corresponde a cerca de 490 t/emp./ano.

O nível de emprego na atividade siderúrgica situou-se em 77.547 pessoas efetivas ao final de 1996, contra 89.246 pessoas em 1995.





2.1- Produção Siderúrgica

O comportamento da produção siderúrgica brasileira no período 1988/96 pode ser visto como a seguir:

Produção Siderúrgica Brasileira - 1988/96

	Mil t								
Discriminação	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Aço Bruto	24.657	25.055	20.567	22.617	23.934	25.207	25.747	25.076	25.238
Laminados	16.153	16.269	14.720	14.943	15.897	16.278	17.320	16.059	16.683
Planos	9.304	9.406	8.355	9.011	9.623	9.535	10.217	10.296	10.651
Planos Especiais	418	390	410	396	440	481	436	329	371
Longos	5.163	5.280	4.951	4.610	4.918	5.456	5.785	4.770	5.056
Longos Especiais	1.268	1.193	1.004	926	916	806	882	664	605
Semi-Acabados	6.166	6.473	4.880	5.899	5.783	6.476	6.221	6.623	6.468
Placas	3.310	3.570	2.366	3.786	3.581	4.101	4.035	4.547	4.328
Lingotes, Blocos, Tarugos	2.856	2.903	2.514	2.113	2.202	2.375	2.186	2.076	2.140
Ferro-Gusa	23.454	24.363	21.141	22.695	23.152	23.982	25.177	25.021	23.978
Ferro-Esponja	195	258	260	226	230	250	218	288	335

Fonte: IBS

A produção brasileira de aço vem apresentando comportamento praticamente estável desde 1993, atingindo 25,2 milhões de t em 1996. A taxa média de crescimento da produção de aço bruto foi de 0,3% a.a. entre 1988 e 1996.

Considerando que a capacidade instalada brasileira é da ordem de 29 milhões de t/ano, o setor apresenta ociosidade de cerca de 12%.

Em relação ao período janeiro/abril de 1997, houve um crescimento de 6,7% na produção de aço bruto. Destaque-se o maior crescimento da produção de laminados longos.

Comparativo da Produção Siderúrgica - Jan/Abr 1996/97

Produto	Acumulado Jan./Abr.		
	1997	1996	%
Aço Bruto	8.472,5	7.937,3	6,7
Laminados	5.587,2	5.314,5	5,1
Planos	3.640,9	3.533,8	3,0
Longos	1.946,3	1.780,7	9,3

Semi-Acabados	2.104,4	2.090,9	(0,6)
Ferro-Gusa	7.876,9	7.596,0	3,7
Ferro-Esponja	98,7	102,3	(3,5)

Fonte: IBS

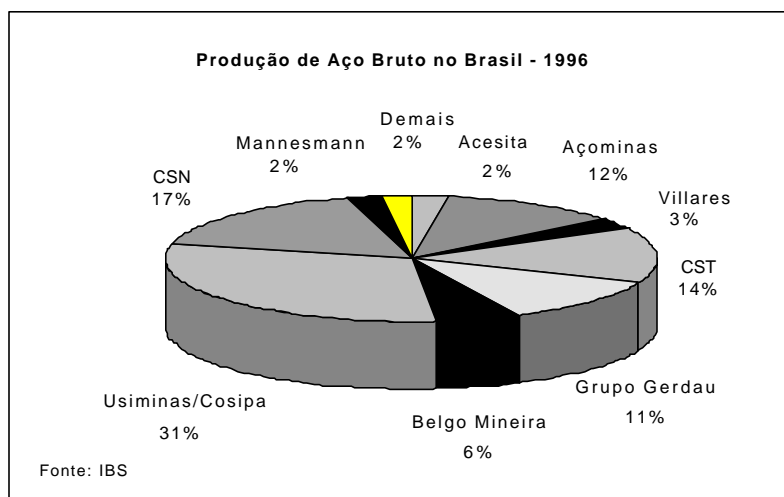
O setor siderúrgico brasileiro é composto por 21 empresas/grupos, que produziram, em conjunto, em 1996, um total de 25,2 milhões de t de aço bruto.

Produtores de Aço Bruto

Empresas/Grupos	1996	%
Cia. Siderúrgica Nacional - CSN	4.364	17,3
Usina Siderúrgica de Minas Gerais- Usiminas	4.039	16,0
Cia. Siderúrgica Paulista - Cosipa	3.604	14,3
Cia. Siderúrgica de Tubarão - CST	3.573	14,2
Grupo Gerdau (Gerdau S.A . e Siderúrgica Riograndense)	2.878	11,4
Aços Minas Gerais S.A . - Açominas	2.400	9,5
Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira	1.050	4,2
Grupo Villares- Aços Villares S.A . e Villares Metals	672	2,7
Mendes Júnior Siderurgia S. A .	652	2,6
Cia. Aços Especiais Itabira - Acesita	624	2,4
Mannesmann S.A .	523	2,1
Demais	859	3,5
Total	25.238	100,0

Fonte: IBS

A participação das diversas empresas/grupos na produção de aço bruto brasileira é mais significativa em relação aos produtores de aços planos, CSN, Usiminas e Cosipa, considerando-se também que a Usiminas é a principal acionista da Cosipa, com 49,8% de seu capital.



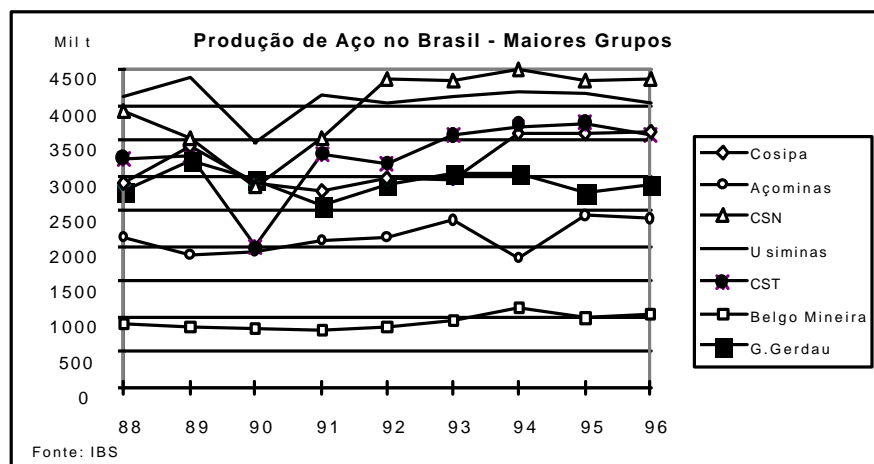
A produção de aço pelas empresas integradas a coque respondem por 72% do total, as integradas a carvão por 10%, as semi-integradas por 17% e o restante 1%, pelas produtoras que utilizam o processo de redução direta.

Produção Brasileira de Aço Bruto por Processo

Processo/Empresa	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Integradas a Coque	16.301	16.461	13.132	15.806	16.662	17.367	17.789	18.282	17.980
Cosipa	2.894	3.406	2.901	2.765	2.960	2.952	3.590	3.598	3.604
Açominas	2.121	1.876	1.933	2.086	2.127	2.375	1.846	2.435	2.400
CSN	3.925	3.514	2.848	3.524	4.363	4.337	4.497	4.340	4.364

Usiminas	4.120	4.395	3.464	4.135	4.033	4.132	4.186	4.160	4.039
CST	3.241	3.270	1.986	3.296	3.179	3.571	3.670	3.739	3.573
Integradas a Carvão	3.509	3.327	2.476	2.472	2.547	2.803	2.923	2.519	2.582
Belgo Mineira	915	862	842	826	864	948	1.132	1.003	1.050
Acesita	768	689	673	677	700	768	765	612	624
Mannesmann	757	711	503	560	535	643	633	561	523
Pains (Grupo Gerdau)	378	425	398	409	448	444	393	343	385
Demais	691	640	60	0	0	0	0	0	0
Integradas a Redução Direta	229	336	358	352	368	421	401	350	373
Gerdau (ex Usiba)	229	336	358	352	368	421	401	350	373
Semi-Integradas	4.618	4.931	4.601	3.987	4.357	4.616	4.634	3.925	4.303
Villares (Villares e V.Metals)	914	873	720	603	668	681	791	667	672
Gerdau (ex Cosigua e Cimetal*)	1.104	1.364	1.241	1.046	1.162	1.219	1.254	1.189	1.240
Gerdau (ex Aço Norte e Cearense)	290	302	260	223	235	233	246	207	207
Riograndense (ex Piratini)	200	201	176	172	142	178	192	190	190
Riograndense (Riogre ex Guaira)	603	596	515	470	518	538	553	471	481
Mendes Junior	502	550	510	483	594	622	644	363	652
Demais	1.005	1.045	1.179	990	1.038	1.145	954	838	861
Total Geral	24.657	25.055	20.567	22.617	23.934	25.207	25.747	25.076	25.238

Fonte: IBS. * A reativada unidade de Barão de Cocais (antiga Cimetal) produz cerca de 130 mil t/ano de aço bruto.



2.2. Produção de Laminados de Aço

Verifica-se nos últimos anos maior incremento na produção de laminados planos, produzidos pelas empresas privatizadas, produtoras de planos comuns. Atualmente, CSN, Usiminas e Cosipa, em conjunto, detêm 64% da produção total de laminados. No segmento de laminados longos destacam-se o Grupo Gerdau, a Belgo Mineira e a Mendes Júnior com, respectivamente, 45%, 14% e 11% da produção, representando, em conjunto, 70% de participação neste segmento.

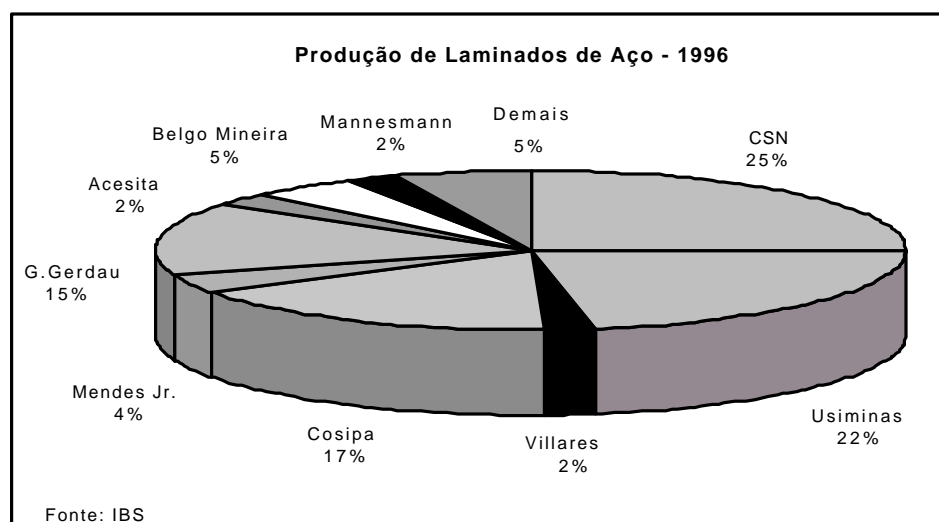
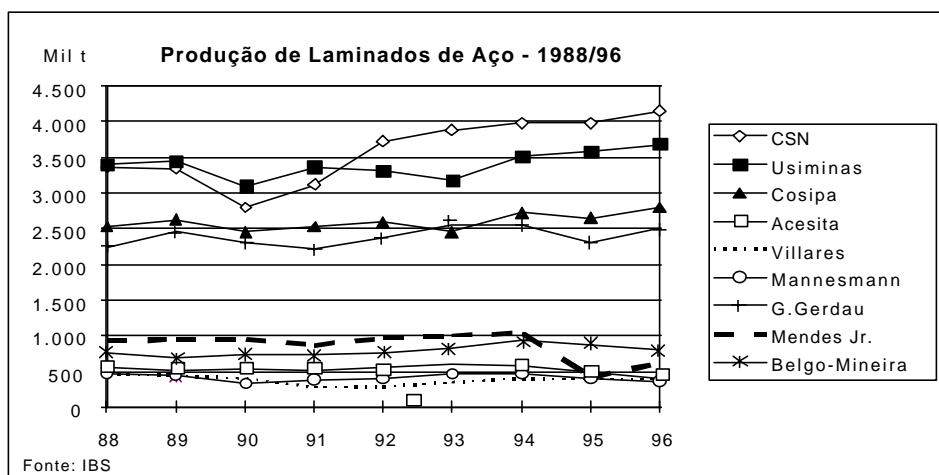
Produção Brasileira por Tipo de Aço - 1988/96

Produto/Empresa	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Planos Comuns	9.304	9.406	8.355	9.011	9.623	9.535	10.217	10.234	10.651
CSN	3.363	3.344	2.793	3.120	3.722	3.894	3.981	3.984	4.159
Usiminas	3.405	3.440	3.107	3.363	3.308	3.178	3.513	3.596	3.696
Cosipa	2.536	2.622	2.455	2.528	2.593	2.463	2.723	2.654	2.796
Planos Especiais	418	390	410	396	440	481	436	391	371
Acesita	418	390	410	396	440	481	436	391	371
Longos Especiais	939	879	765	638	664	806	882	774	605

Villares (Villares e V.Metals)	477	444	401	266	280	345	388	384	375
Mannesmann	143	136	92	108	154	176	205	127	63
Acesita	134	112	118	121	107	132	122	102	27
Riograndense (Grupo Gerdau)	185	187	154	143	114	153	167	161	140
Longos Comuns	5.492	5.594	5.190	4.893	5.161	5.716	5.785	4.660	5.056
Gerdau (Grupo Gerdau)	1.919	2.084	1.948	1.851	1.978	2.140	2.189	1.986	2.114
Mendes Júnior	935	953	954	866	969	1.005	1.035	420	601
Belgo-Mineira	761	690	711	720	759	805	924	861	803
Pains (Grupo Gerdau)	336	376	367	370	383	408	361	319	259
Mannesmann	312	300	228	270	237	284	257	262	297
Demais	1.229	1.191	982	816	835	1.074	1.019	812	685
Relaminadoras	88	103	92	61	45	62	70	-	-
Total	16.241	16.372	14.812	14.999	15.933	16.600	17.390	16.059	16.683

Fonte: IBS.

Ressalte-se que a CST está realizando investimentos para a instalação de um laminador de tiras a quente, com capacidade de 1,5 milhões de t/ano, visando o mercado de planos comuns, após o ano 2000.



2.3 Produção de Semi-Acabados

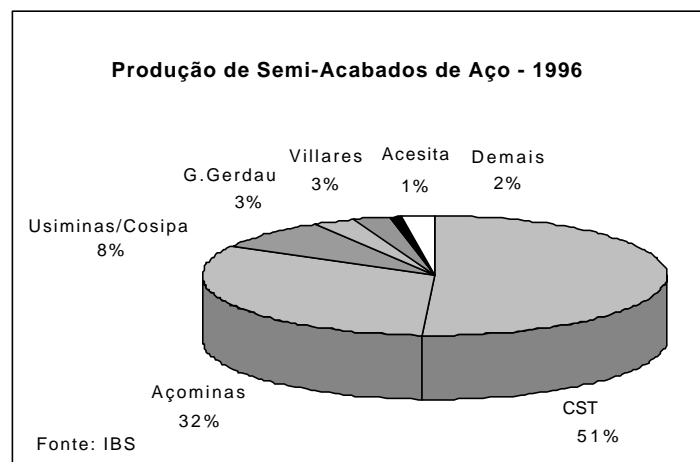
A produção de semi-acabados de aço não apresentou muita variação entre 1988 e 1996, com a produção de placas respondendo por cerca de 60% do total.

A CST e a Açominas, em conjunto, respondem por 83% da comercialização anual de semi-acabados e por quase a totalidade das exportações brasileiras desses produtos.

Produção Brasileira de Semi-Acabados - 1988/96

	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Placas	3.311	3.570	2.366	3.786	3.581	4.101	4035	4.547	4.328
Acominas	543	306	197	408	376	341	214	667	580
CSN	-	-	-	1	1	57	8	-	-
CST	2.417	2.713	1.777	2.906	2.747	3.069	3.148	3.341	3.258
Cosipa	66	138	134	26	21	64	321	312	459
Usiminas	285	413	258	445	436	570	344	227	31
Lingotes,Blocos e Tarugos	2.856	2.902	2.514	2.113	2.202	2.356	2.181	2.076	2.140
Acesita	82	73	50	49	29	51	82	57	133
Acominas	1.334	1.396	1.526	1.435	1.489	1.732	1.389	1.480	1.500
Gerdau	412	647	529	298	305	254	289	175	157
Villares	198	185	156	185	191	169	188	171	125
Demais	830	601	253	146	188	150	232	193	225
Total	6.167	6.473	4.880	5.899	5.783	6.457	6.221	6.623	6.468

Fonte: IBS



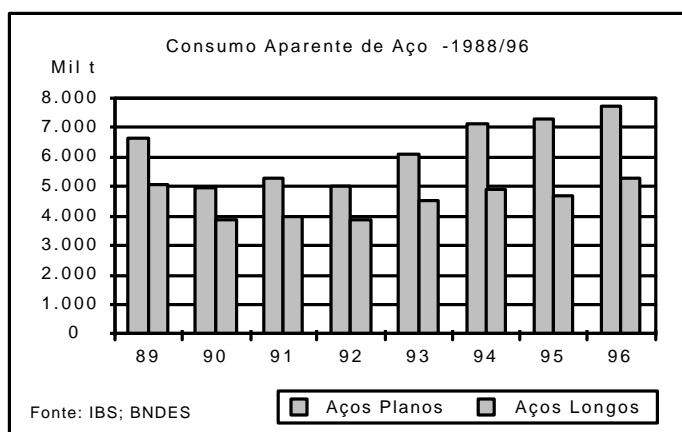
2.4 Consumo Aparente de Produtos de Aço

O consumo aparente de aço no Brasil reduziu-se no período 1988/92, basicamente, em função da recessão econômica, atingindo 8,9 milhões de t em 1992. Em 1993, situou-se em 10,6 milhões de t e no biênio 1994/95, o consumo aparente ficou próximo de 12,0 milhões de t. Em 1996, atingiu 13,0 milhões de t, com crescimento significativo de 9% em relação a 1995.

Consumo Aparente Brasileiro de Produtos de Aço - 1990/96

Discriminação	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Aços Planos	4.990	5.283	5.029	6.104	7.165	7.324	7.715
Aços Longos	3.877	3.988	3.882	4.528	4.930	4.670	5.318
Total	8.867	9.272	8.911	10.632	12.095	11.994	13.033
Aços Especiais	969	917	973	1.214	1.451	1.309	1.303
Aços Comuns	7.898	8.355	7.938	9.418	10.644	10.685	11.730

Fonte: IBS; BNDES



A taxa média de crescimento do consumo aparente total no período 1990/96 foi de 6,6% a.a.. No consumo de aços comuns essa taxa foi de 6,8% a.a., enquanto o consumo de aços especiais apresentou taxa média de crescimento de 5,0% a.a. para o mesmo período.

Os segmentos de materiais de transportes e construção civil, em conjunto, consumiram 22% das vendas internas de laminados, semi-acabados e outros.

Setores Consumidores de Produtos de Aço

Discriminação	1993	%	1994	%	1995	%	1996*	%
Veículos, Tratores, Ferroviário e Naval	1.254	12	1.369	11	1.264	11	1.345	11
Autopeças	590	6	757	6	774	7	760	6
Agrícola e Rodoviário	263	2	320	3	239	2	255	2
Eletrônicos	281	3	330	3	331	3	380	3
Embalagens e Recipientes	838	8	872	7	885	8	1.141	9
Utilidades Domésticas e Comerciais	527	5	593	5	649	6	1.014	8
Construção Civil	1.091	10	1.109	9	1.331	11	1.350	11
Forjaria, Trefilaria, Relaminação e Perfis	1.123	11	1.303	11	1.210	10	1.268	10
Tubos c/ Costura	549	5	816	7	957	8	888	7
Distribuidores	3.218	31	3.596	30	3.226	27	3.393	26
Cutalaria, Mecânico e Outros	633	7	825	8	859	7	887	7
Total das Vendas Internas	10.367	100	11.890	100	11.725	100	12.681	100

Fonte: IBS

* Dados estimados.

O consumo aparente de produtos siderúrgicos apresentou, no período de janeiro/março de 1997, um volume de 3,5 milhões de t, com crescimento de 19,9% sobre o mesmo período de 1996.

2.5- Preços Médios

Os preços médios praticados nas exportações brasileiras não sofreram alteração substancial no período 1990/94, porém, em 1995, registrou-se melhoria nos preços. O país exporta,

na sua maioria, produtos semi-acabados e de menor valor agregado. Em relação aos preços médios internos, estes apresentaram recuperação a partir de 1992, ajustando-se ao comportamento dos preços internacionais até 1995, devido à maior competitividade no mercado. O preço médio das vendas internas é superior ao das exportações, considerando a maior rentabilidade do mercado interno, além da incidência de aproximadamente 25% a 30% de impostos.

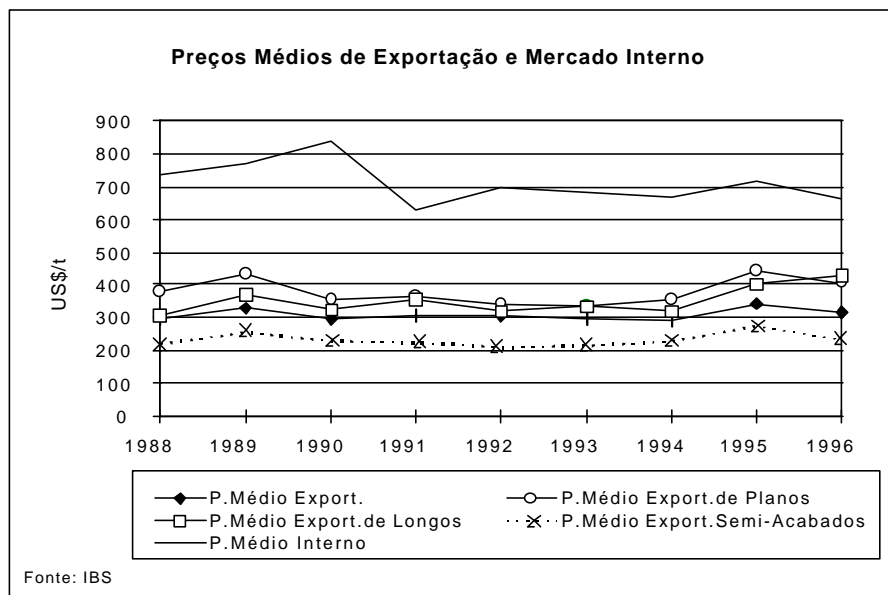
A melhoria de preços dos produtos brasileiros estará condicionada à maior incidência tecnológica e enobrecimento dos produtos.

Como consequência, o setor será mais rentável na medida em que houver aumento das vendas físicas associado à racionalização e modernização das unidades produtoras, com ganhos de escala e redução de custos.

Preços Médios de Exportação e Mercado Interno - 1988/96

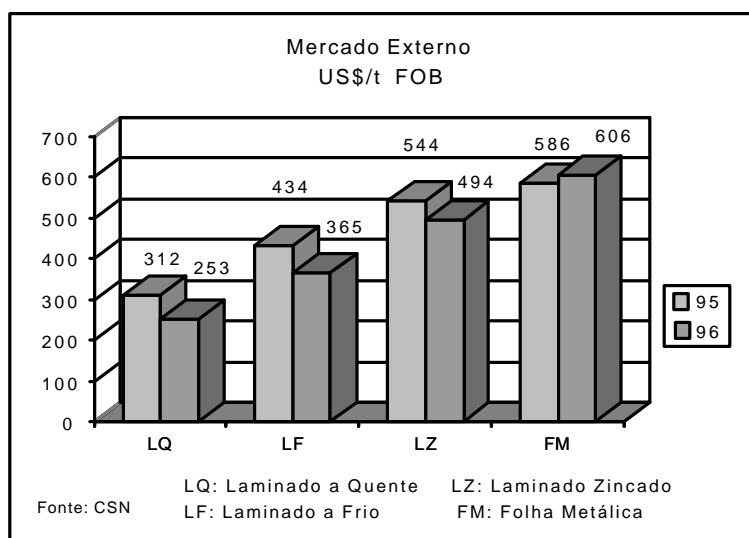
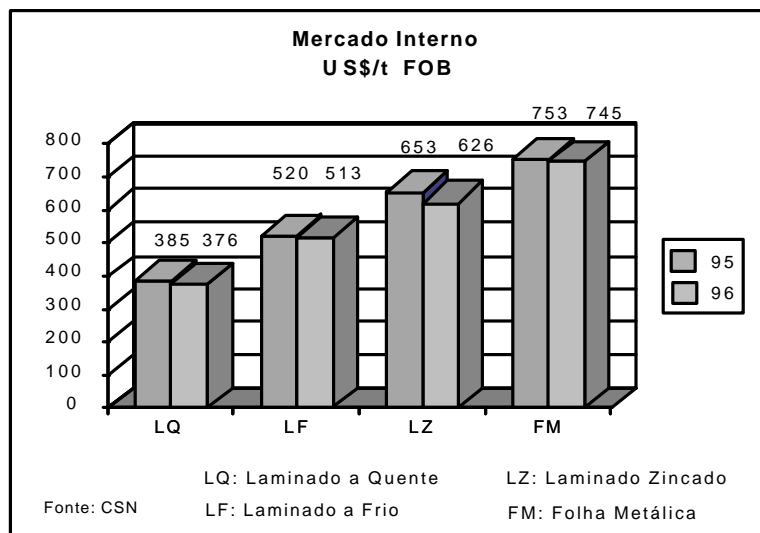
Discriminação	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Preço Médio Exportação	299	327	297	306	304	298	292	344	316
Planos	381	432	357	367	342	338	356	444	406
Longos	306	372	324	358	319	332	322	401	429
Semi-Acabados	219	257	227	224	212	214	229	272	234
Preço Médio Interno	737	773	838	631	700	679	667	718	662

Fonte: IBS.



Em 1996, os preços praticados sofreram redução em relação aos do ano anterior. No mercado interno, os preços dos laminados a quente reduziram-se 2,6%, os laminados a frio 1,4%, os laminados zincados 4,1% e as folhas metálicas 1,1%.

No mercado externo, a queda foi maior, atingindo 18,9% nos laminados a quente, 15,9% nos laminados a frio e 9,2% nos laminados zincados. As folhas metálicas apresentaram variação positiva de 3,4%.



2.6- Exportações e Importações

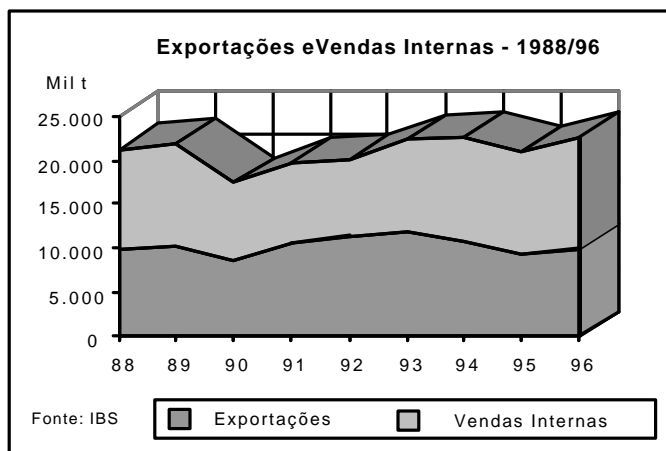
O nível de exportação da siderurgia brasileira evoluiu significativamente no período 1990/93, reduzindo-se nos três últimos anos. Por outro lado, o consumo interno vem evoluindo, absorvendo os acréscimos de produção, com conseqüente aumento nas vendas internas.

Exportações e Vendas Internas -1988/96

Ano	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Exportações	10.045	10.091	8.651	10.582	11.447	11.978	10.749	9.319	9.987
Laminados Planos	3.857	2.971	3.187	4.314	4.599	4.279	3.824	3.052	3.385
Laminados Longos	2.004	1.671	1.942	1.830	2.208	2.390	2.100	1.137	917

Semi-Acabados	4.184	5.449	3.522	4.439	4.640	5.309	4.825	5.130	5.685
Vendas Internas	11.219	11.777	8.793	9.055	8.682	10.367	11.890	11.725	12.681

Fonte: IBS



As empresas do setor siderúrgico brasileiro são relevantes no universo das principais empresas exportadoras brasileiras.

Principais Empresas Siderúrgicas Exportadoras

Posição	Empresa	US\$ Milhões
		Exportações
2º	CST	840
8º	Usiminas	589
9º	CSN	522
11º	Cosipa	444
15º	Açominas	364

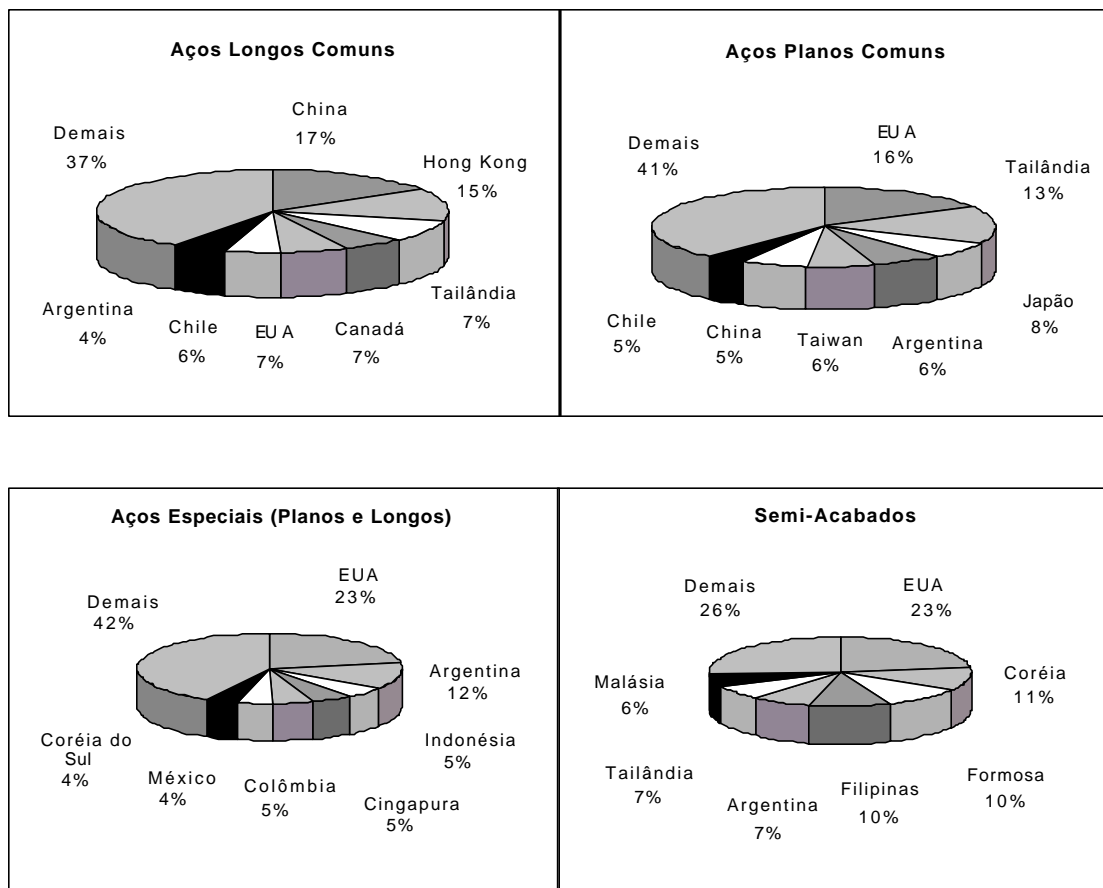
Fonte: MICT; Posição em relação às maiores empresas exportadoras no país

As principais empresas exportadoras de produtos de aço foram responsáveis por cerca de 80% das exportações siderúrgicas, em 1996, no montante de US\$ 2,5 milhões.

As exportações brasileiras de produtos siderúrgicos, que, em 1996, atingiram cerca de 10 milhões de t, estão mais concentradas nos países asiáticos, representando em conjunto 42%. Em segundo vêm os países da América do Norte com 30%, seguidos dos países latino-americanos com 17%, europeus com 9%, sendo 2% destinados aos países africanos. Os produtos semi-acabados representam 55% do total das exportações, os produtos planos, 33% e os longos e demais, 12%.

A desvalorização do Dólar frente ao Real é um fator que contribui para a perda da competitividade, com reflexos nas exportações.

Destino das Exportações Brasileiras - 1996



No período janeiro/abril de 1997, as exportações brasileiras de produtos siderúrgicos atingiram 2,9 milhões de t, com queda de 19,3% em relação às exportações efetuadas no mesmo período do ano anterior. As receitas oriundas das exportações atingiram US\$ 841 milhões, com queda de 20,9%.

As importações brasileiras de produtos siderúrgicos não são significativas, concentrando-se, principalmente, em produtos mais nobres e de baixo nível de consumo, cuja produção não se justifica em termos de escala econômica. Em 1996, as importações brasileiras de produtos siderúrgicos alcançaram 378 mil t, no valor de US\$ 434 milhões, com preço médio de US\$ 1.149/t. Cerca de 77% das importações foram de produtos planos e longos.

Aproximadamente 56% dos produtos importados são originários dos países europeus, 21% são dos países latino-americanos, 11% dos países da América do Norte, 8% dos países asiáticos e 4% dos países africanos e da Oceania. No período janeiro/março de 1997, as importações atingiram 150 mil t, com crescimento de 162,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. O valor das importações atingiu US\$154,8 milhões, com crescimento de 86% no mesmo período considerado.

3- Privatização da Siderurgia Brasileira

A siderurgia brasileira, antes do processo de privatização, caracterizava-se por:

- Setor altamente endividado
- Parque industrial relativamente desatualizado
- Limitações de investimentos

- Gestão burocratizada e/ou política
- Limitações comerciais
- Baixa autonomia de planejamento e estratégia
- Alto passivo ambiental

Deste modo, o setor siderúrgico nacional apresentava certa vulnerabilidade, considerando-se, também, que se iniciava o processo de abertura da economia, assim como a globalização do mercado.

O processo de privatização da siderurgia teve início em 1988, com as privatizações de menor porte, continuando mais enfaticamente no período 1991/93 com o PND - Programa Nacional de Desestatização. O valor das vendas à iniciativa privada atingiu cerca de US\$ 4,2 bilhões, chegando a US\$ 5,0 bilhões, se considerados os valores apurados nas vendas das sobras dos leilões. A produção siderúrgica privatizada foi de 19 milhões de t, representando 65% da capacidade total de produção de aço brasileira.

Os efeitos da privatização na siderurgia foram bastante positivos, conforme lista-se a seguir:

Siderurgia Brasileira Pós-Privatização

- Início de nova etapa de desenvolvimento
- Melhorias de performance nas áreas administrativa, financeira e tecnológica
- Profissionalização das administrações
- Reorientação das gestões para obtenção de resultados
- Fortalecimento das empresas como grupos empresariais (compatíveis com a abertura econômica)
- Participação em novos investimentos no exterior e em parcerias com clientes
- Redução de custos
- Elevação da produtividade
- Melhoria dos indicadores de resultados
- Acesso ao mercado de capitais
- Desenvolvimentos de processos e produtos para atendimento ao cliente

A posição mais recente da participação acionária das empresas privatizadas é a seguinte:

Siderurgia Pós-privatização

Empresas	Data de Venda	Preço de Venda (US\$ milhões)	Ágio (%)	Controle Anterior	Atual	% Capital Total
APARECIDA	jul/88	14,6	nd	BNDES, THOMAZ	VILLARES	Controle
COSIM	set/88	43,4	nd	SIDERBRAS	DUFERCO	Controle
CIMETAL	nov/88	58,8	52	BNDES, BNB, BDMG	GERDAU E OUTROS	Controle
COFAVI	jul/89	8,2	0	SIDERBRAS	DUFERCO/B.MINEIRA	Controle
USIBA	out/89	54,4	138	SIDERBRAS	GERDAU	Controle
COSINOR	nov/91	15,0	14	SIDERBRAS	GERDAU	Controle
USIMINAS	out/91	1.112,0	14	SIDERBRAS	CAMARGO CORREA	3,65
					EMPREGADOS Usiminas	1,75
					VALIA (CVRD)	3,83
					CLUBE USIMINAS	7,30
					PREVI (BB)	8,09
					CVRD	7,74

					NIPPON USIMINAS Co	9,54
					OUTROS	58,10
PIRATINI	fev/92	106,6	151	SIDERBRAS	GRUPO GERDAU	Controle
CST	jul/92	347,4	0	SIDERBRAS	CALIFORNIA STEEL	4,0*
					CIEST/FUNSSET	5,04
					CVRD	22,69
					KAWASAKI	25,26
					ACESITA	39,0
					OUTROS	4,0
ACESITA	out/92	450,0	29	BANCO DO BRASIL	BANCESA	4,21
					BANCO REAL	5,56
					BANCO DO BRASIL	5,94
					ALBATROZ	6,80
					CIGA(EMPREGADOS)	9,89
					FUNDOS DE PENSÃO**	55,35
					OUTROS	12,25
CSN	abri/93	1.057,0	0	SIDERBRAS	EMESA	1,0786
					BRASESCO	9,3398
					DOCENAVE	9,5730
					CLUBE CSN	9,7031
					CAIXA CSN	10,8594
					GRUPO VICUNHA	13,0886
					CAIXA BCO. BRASIL	13,4253
COSIPA	ago/93	359,9	98,6	SIDERBRAS	FUNDAÇÃO COSIPA	5,2
					BOZANO SIMONSEN	9,9
					CIEC	10,4
					USIMINAS	49,80
					OUTROS	24,7
AÇOMINAS	set/93	597,6	87	SIDERBRAS	BEMGE	4,19
					CVRD	4,84
					VILLARES	6,19
					BANCO REAL	6,46
					BCN	10,00
					ECONÔMICO	10,00
					CEA (EMPREGADOS)	20,00
					MENDES JÚNIOR	31,69
					OUTROS	6,63

Fonte: BNDES, Gazeta Mercantil, Empresas

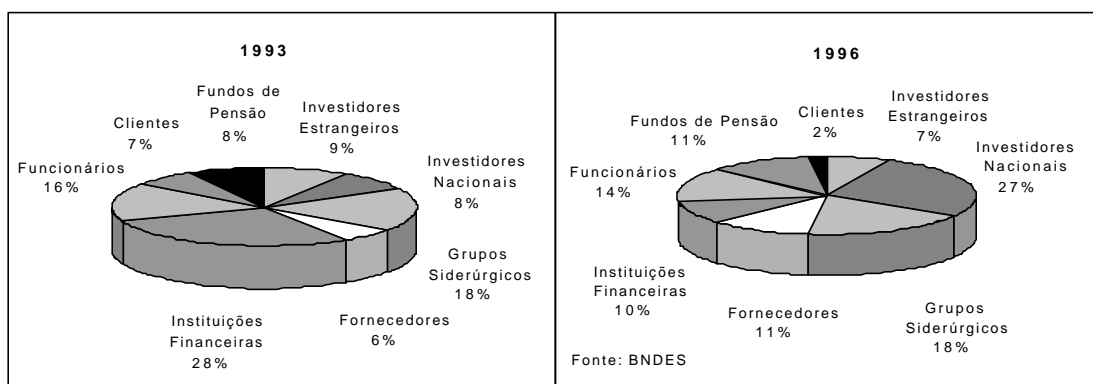
* A CVRD possui 50% do Capital da California Steel

** Postalís(1,28%), Clube Acesita (1,77%), Furnas (1,89%), Previ Banerj (2,31%), Petrus (8,19%), Sistel (16,07%) e Previ B.Brasil (23,84%)

Em relação à Açominas, vale observar que encontra-se em andamento negociações entre os acionistas, visando o equacionamento do novo controle da empresa.

A participação dos acionistas privados na siderurgia, logo após completado o processo de privatização em 1993 e o mais recente, são mostrados a seguir.

Distribuição da Participação Acionária do Setor Siderúrgico



Note-se que a participação das instituições financeiras, que era de 28% em 1993, atualmente se restringe a cerca de 10%, visto que estes grupos financeiros foram se desfazendo de suas posições neste período, em favor, principalmente, de fundos de pensão e de novos acionistas não vinculados diretamente ao setor.

Cabe, também, ressaltar que, com a privatização do setor siderúrgico, iniciou-se a reestruturação da siderurgia brasileira, que vem sendo um processo dinâmico de aquisições, fusões, incorporações e internacionalização de empresas, visando o fortalecimento do setor.

O Brasil acompanha a tendência mundial de concentração e especialização da siderurgia, tendo em vista o aumento da competitividade no contexto de mercado global.

Outro fato relevante, impactando a siderurgia brasileira, refere-se à privatização da CVRD - Companhia Vale do Rio Doce, detentora de posições acionárias em diversas empresas do setor, efetivada no dia 6 de maio de 1997.

O consórcio Brasil, liderado pela CSN, adquiriu 41,73% do capital da CVRD pelo valor de R\$ 3,33 bilhões.

Participação do Consórcio Brasil no Capital da CVRD (maio 97)

CSN - 25,55%
Fundos de Pensão - 39,29%
Investvale + BNDESPAR - 9,47%
Opportunity - 16,73%
Nations Bank - 8,97%

Deste modo, fortaleceu-se sobremaneira a participação dos fundos de pensão, liderados pela PREVI, na estrutura da siderurgia brasileira.

Participação da CVRD e Fundos de Pensão nas Empresas Siderúrgicas

	CSN	Usiminas	CST	Açominas	Acesita	Cosipa
CVRD	9,57%	7,74%	22,69%	4,84%	0%	5,76%
Fundos	13,42%	11,92%	34,4%	0%	26,5%	29%
Total	22,99%	19,66%	57,09%	4,84%	26,5%	34,76%

Fonte: BNDES; Periódicos

Portanto, com a privatização da CVRD, os fundos de pensão e, principalmente, a CSN reforçaram suas posições no cenário siderúrgico nacional.

4- Indicadores das Empresas Siderúrgicas Brasileiras

As empresas privatizadas apresentaram, de 1992 a 1995, em sua maioria, crescimento na produção e nos resultados. No exercício de 1996, somente a CSN apresentou variação positiva no lucro. Algumas empresas também apresentaram decréscimo na produção.

As empresas mais voltadas para o mercado externo tiveram impacto maior nos seus resultados em função da queda dos preços internacionais, principalmente, dos aços especiais e dos semi-acabados.

As empresas que concentraram suas vendas preferencialmente no mercado interno foram beneficiadas pelo grande crescimento da demanda interna de produtos siderúrgicos, em particular os laminados longos, embora os preços não tenham acompanhado a mesma tendência.

Indicadores das Empresas Siderúrgicas Brasileiras Privatizadas

Empresas	Ano	Produção de Aço Bruto	Faturamento (US\$ milhões)	L. Líquido (US\$ milhões)	Patr. Líquido (US\$)	Retorno Sobre Patr. Líquido (%)	Número de empregados*	Produtividade (t/H.Ano)
----------	-----	-----------------------	----------------------------	---------------------------	----------------------	---------------------------------	-----------------------	-------------------------

	(1000 t)			milhões)				
Acesita	92	700	381	(100)	410	-	7.462	94
	93	768	463	32	499	6,4	5.584	138
	94	765	713	79	847	9,3	5.397	142
	95	612	678	32	1.064	3,0	4.996	123
	96	624	651	18	1.126	1,6	4.216	148
Açominas	92	2.127	394	38	2.567	1,5	6.479	328
	93	2.375	430	55	2.852	1,9	6.261	379
	94	1.846	536	10	4.001	0,25	5.294	349
	95	2.435	678	35	2.244	1,6	5.060	481
	96	2.400	644	(2,2)	2.229	-	4.800	495
Cosipa	92	2.960	863	(296)	1.044	-	16.757	177
	93	2.952	799	(578)	1.351	-	13.544	218
	94	3.590	1.305	46	2.012	2,3	13.961	257
	95	3.598	1.222	74	2.059	3,6	9.182	391
	96	3.604	1.195	(239)	1.680	-	9.080	394
CSN	92	4.363	1.453	125	3.962	3,1	18.162	240
	93	4.337	1.604	22	3.937	0,6	17.904	242
	94	4.497	2.209	154	5.500	2,8	17.708	254
	95	4.340	2.350	114	5.600	2,0	13.900	312
	96	4.364	2.570	195	4.300	4,5	12.532	352
CST	92	3.179	524	(149)	1.890	-	4.892	650
	93	3.571	617	33	1.923	1,7	5.085	702
	94	3.670	889	241	2.883	8,4	4.468	821
	95	3.739	931	229	3.129	6,1	4.350	859
	96	3.573	900	126	3.047	4,1	4.200	850
Usiminas	92	4.033	1.204	124	1.337	9,3	12.144	301
	93	4.132	1.212	246	1.557	15,8	10.944	362
	94	4.186	1.832	345	2.444	14,1	10.448	378
	95	4.160	1.950	332	2.813	11,9	9.890	375
	96	4.039	2.100	260	3.012	8,6	9.210	365

Fonte: Economática, Periódicos, Empresas

* Alguns dados são estimados

Indicadores de Outras Empresas Siderúrgicas Brasileiras

Empresas	Ano	Produção de Aço Bruto (1000 t)	Faturamento (US\$ milhões)	L. Líquido (US\$ milhões)	Patr. Líquido (US\$ milhões)	Retorno Sobre Patr. Líquido (%)	Número empregados**	Produtividade (t/H.Ano)
Cosigua*	92	1.162	527,8	25,1	417,9	6,0	5.200	223
	93	1.219	487,5	14,4	458,3	3,1	5.300	230
	94	1.254	805,3	43,2	741,3	5,8	5.200	241
	95	1.189	600,0	31,0	819,0	3,8	5.200	229
	96	1.240	736,0	60,1	1.172,0	5,1	6.200	200
Belgo- Mineira	92	864	434,3	19,2	961,9	2,0	5.700	152
	93	948	457,2	22,2	929,2	2,4	5.100	186
	94	1.132	609,4	52,7	1.338,1	3,9	4.700	241
	95	1.003	537,0	29,1	1.390	2,0	4.500	224
	96	1.050	542,3	32,0	1.390	2,3	4.350	241
Mannesmann	92	535	410,8	(8,0)	378,3	-	6.900	78
	93	643	428,4	4,5	366,0	1,2	6.900	93
	94	633	618,1	41,2	549,5	7,5	6.700	94
	95	561	407,0	(34,9)	576,0	-	5.950	94
	96	523	381,9	(51,3)	550,0	-	5.718	92
Mendes Júnior	92	594	402,4	0,2	87,4	0,2	2.700	220
	93	622	352,6	nd	nd	nd	2.600	239
	94	644	568,3	(56,5)	23,2	-	2.250	286
	95	363	nd	nd	nd	nd	1.770	205
	96	652	nd	nd	nd	nd	nd	-

Rio-Grandense*	92	518	190,6	21,5	389,0	5,5	1.600	324
	93	538	174,1	12,9	407,7	3,2	1.800	298
	94	533	292,9	45,1	647,1	7,0	1.800	307
	95	471	378,6	28,3	737,4	3,8	1.900	248
	96	481	475,8	52,1	738,0	7,0	1.900	253
Aços Villares	92	668	107,3	22,8	511,8	4,5	3.100	215
	93	681	132,5	(15,8)	453,3	-	3.200	213
	94	791	433,0	7,5	552,9	1,4	4.500	176
	95	667	552,3	3,0	581,8	0,5	3.500	190
	96	672	447,6	(215,6)	353,2	-	3.200	210

Fonte: Economática; IBS; Empresas

* A Açonorte foi incorporada à Cosigua em 12/96

** Alguns dados são estimados

nd - não divulgado

5- Programa de Investimentos

No atual contexto de crescente internacionalização da siderurgia, verifica-se a necessidade de empreender esforço em busca de maior competitividade.

Encontra-se em curso o Programa de Modernização Tecnológica da Siderurgia Brasileira, que prevê a realização de investimentos de cerca de 6,0 bilhões, no período 1996/2000, destinados à atualização tecnológica, aumento da qualidade, redução de custos e proteção ambiental.

Investimentos no Setor Siderúrgico

US\$ milhões								
Discriminação	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997/2000*
Melhoria e Modernização		871	1.366	4.000
Outros		200	200	300
Total	494	339	350	581	676	1.071	1.566	4.300
Participação BNDES	131	101	138	242	250	350	450	1.500

Fonte: IBS/BNDES.

* Dados estimados

O setor siderúrgico nacional tem contado com o apoio do Sistema BNDES desde a sua implantação e continua priorizando o financiamento de investimentos neste setor estratégico para a economia nacional.

A continuidade do apoio do BNDES, nesta etapa pós-privatização, está contribuindo para consolidar a posição do Brasil como grande produtor e exportador de produtos siderúrgicos.

Os investimentos programados a partir da privatização servirão, também, para aumentar a capacidade de produção de 29 milhões de t para 32 milhões de t até o ano 2000.

A distribuição dos *investimentos pretendidos* por empresa para o período 1996/2000 é a seguinte:

Empresa	(US\$ milhões)	Finalidade
Açominas	400	modernização e lingotamento contínuo
CST	1.150	2º alto forno, novo lingotamento contínuo e laminador de tiras a quente
Cosipa	700	modernização e meio-ambiente
CSN*	1.350	produtividade, qualidade e Energia
Usiminas	1.100	produtividade, linha galvanização, laminador de tiras a frio e novo lingotamento contínuo
Belgo Mineira	200	modernização, melhoria da qualidade e meio-ambiente
Grupo Gerdau	200	implantação de duas novas unidades e duplicação da capacidade de aços especiais
Mannesmann	120	modernização
Acesita	436	modernização e ampliação da linha de inoxidáveis
Aços Villares	210	modernização da linha de produtos, reestruturação e realocação de linhas de produtos
Total	5.866	

Fonte: Empresas, Periódicos

* A CSN está estudando a possibilidade de implantar uma Mini-Mill, no Ceará, com investimentos de aproximadamente US\$ 700 milhões.

6- Perspectivas da Siderurgia

Estima-se que a produção mundial de aço atinja cerca de 804 milhões de t no ano 2000, com crescimento de 1,6% a.a. no período 1996/2000. Do acréscimo de 53 milhões de t em relação à produção siderúrgica de 1996, prevê-se que 28 milhões de t sejam referentes ao incremento de produção de aço a partir de minério de ferro e 25 milhões de t decorrentes da recuperação de sucata.

O consumo de produtos de aço deverá atingir 717 milhões de t, contra os 655 milhões registrados em 1996.

Note-se também o maior crescimento do consumo de aços especiais em detrimento dos aços comuns, face à tendência de maior utilização de aços mais nobres, com características de desempenho superiores.

Perspectivas da Siderurgia Mundial

Discriminação	Milhões de t		
	1996	2000	Cresc. a.a.
Produção Aço Bruto	752	804	1,6%
Consumo de Laminados	655	717	1,8%
Consumo Laminados Comuns	591	646	1,8%
Consumo Laminados Especiais	64	71	2,1%

Fonte: BNDES

Com base nas expectativas de crescimento da economia brasileira e, em especial, do consumo interno, elaborou-se projeção do comportamento da siderurgia no país até o ano 2000. A taxa média de crescimento projetada entre 1996/2000 para a produção siderúrgica é de 2,7% a.a. e a do consumo aparente de 5,1% a.a.. Também no caso brasileiro, prevê-se maior crescimento do consumo dos aços especiais, se comparados aos aços comuns.

Evolução da Siderurgia Brasileira

Discriminação	Mil t		
	1996	Cresc. a . a .	2000
Produção de Aço Bruto	25.238	2,7%	28.100
Consumo de Laminados	13.203	5,1%	16.100
Consumo de Aços Comuns	11.899	5,0%	14.447
Consumo de Aços Especiais	1.303	6,1%	1.653

Fonte: BNDES

As perspectivas para o mercado brasileiro de aço indicam que o consumo interno deverá se elevar de 13,2 milhões de t, em 1996, para 16,1 milhões de t no ano 2000, baseado,

principalmente, no crescimento da demanda dos setores automobilístico, de construção civil e infraestrutura.

Perspectivas para o Mercado Siderúrgico - 1997/2000

Discriminação	Milhões de t				
	1996	1997	1998	1999	2000
Capacidade de Produção	29,5	30,0	30,0	31,0	32,0
Produção de Aço Bruto	25,2	25,8	26,7	28,0	28,1
Produtos de Aço	22,7	23,5	24,2	25,8	25,8
Consumo Aparente	13,2	14,3	15,1	15,6	16,1
Vendas Internas	12,8	13,8	14,5	15,1	15,6
Importação	0,4	0,5	0,6	0,5	0,5
Exportação	9,9	9,7	9,7	10,7	10,2

Fonte: BNDES

Neste cenário, e considerando certa estabilidade nos preços, haverá pouca alteração nas exportações, tanto em quantidade, quanto em valor.

Exportações de Produtos Siderúrgicos

	mil t	
Quantidade	1996	2000
Semi-Acabados	5.685	6.245
Laminados Planos	3.384	2.938
Laminados Longos	917	1.020
Outros	271	158
Total	10.257	10.361
Gusa	2.538	2.550
Total Geral	12.795	12.911

Fonte: BNDES

	US\$ Milhões	
Valor	1996	2000
Semi-Acabados	1.330	1.434
Laminados Planos	1.373	1.205
Laminados Longos	393	439
Outros	252	132
Total	3.349	3.210
Gusa	390	420
Total Geral	3.739	3.630

Fonte: BNDES

Deste modo, o saldo da balança comercial do setor siderúrgico no ano 2000 deve atingir cerca de US\$ 3,2 bilhões, considerando a exportação de gusa.

Balança Comercial da Siderurgia

	US\$ milhões	
Valor	1996	2000
Exportação	3.349	3.210
Exportação Gusa	390	420
Importação	434	474
Saldo	3.305	3.156

Fonte: BNDES

Em vista do exposto, conclui-se que com o fortalecimento da economia brasileira e o crescimento da demanda interna, a produção de aço, decorrente do incremento de capacidade prevista até o ano 2000, deverá se direcionar para o atendimento do mercado interno em expansão, embora as exportações brasileiras de produtos siderúrgicos ainda permaneçam significativas, mantendo o mercado conquistado.